

4

Conclusão

Adentrar na investigação do Apocalipse proporciona resultados gratificantes, tendo em mente que não podemos assumir esta ou aquela abordagem como definitiva ou única, razão pela qual no primeiro capítulo apresentamos o estado da questão do Apocalipse a fim de obtermos as contribuições de uma visão de conjunto.

O segundo capítulo ajudou-nos perceber de que modo as formas literárias do texto estudado foram desenvolvidas a fim de que a mensagem nele contida pudesse ser compreendida dentro dos mecanismos linguísticos e estéticos que faziam parte do universo comunicativo dos destinatários originais. Apesar da falta de consenso sobre questões gerais a respeito do livro, a perícopes escolhida contou com o privilégio de ser considerada uma profecia ou oráculo pelo parecer unânime dos estudiosos pesquisados. Mas tornou-se necessário verificarmos a roupagem apocalíptica que um determinado oráculo pode assumir.

Quanto ao uso da língua grega, apesar da polêmica sobre a questão, foi possível perceber no trecho grego estudado, que as ligeiras modificações operadas pelo autor não se tratavam de desconhecimento da língua, pelo contrário, eram intencionais no sentido de corresponder com a fundamentação de sua proposta. Isso também se aplica sobre a questão da dependência literária aqui ou acolá de determinadas passagens, o produtor do texto agiu com liberdade para reelaborar o material que tinha em mãos a fim de garantir a eficiência de transmissão da sua mensagem, sem violar ou se desprender completamente das categorias que o aproximavam de sua audiência. Mas estas afirmações se restringem com reserva ao trecho estudado e não sobre possíveis solecismos e irregularidades em outras partes do livro, até que sejam também examinadas do mesmo modo a fim de contribuir sobre a conclusão geral do uso do grego no livro como um todo.

O autor apesar de se ligar fortemente ao Antigo Testamento, se permitiu ampliar determinadas noções, através do procedimento de atualização. Perpassou pelo Novo Testamento, principalmente, pelo Quarto Evangelho, mas procurou não

se fixar completamente nas respectivas alusões. E apesar disso tudo, manteve-se fiel aos pressupostos constitutivos da fé cristã encontrados nas tradições neotestamentárias.

O contexto histórico-social das comunidades apresenta-se como uma situação de crise e de perigos, tanto internos, devido o esfriamento e a presença atuante do pseudo-profetismo através de correntes sincréticas, quanto externos, provenientes do imperialismo e do regime totalitário de Roma, tendo também como rival a sinagoga que rejeitava o Nazareno, e portanto, sua causa e proposta.

Não nos detemos em identificar o autor, ele autodenomina-se “João”, o que nos basta é compreender seu perfil, um judeu-profeta que conhecia e dominava o Antigo Testamento, ligado às comunidades mergulhas na cultura grega, mas que possuíam fortes raízes judaicas, o que justifica a articulação de imagens, símbolos e argumentos dentro deste universo específico com finalidade de convencimento através procedimento de atualização, com re-leituras e re-interpretações.

O autor se vê na continuidade do profetismo neotestamentário e seu propósito é desencorajar a indiferença, impactar seus leitores e estimulá-los a uma decisão perante a vida, fornecendo-lhes um *lugar* de esperança e realização.

Ao término deste trabalho podemos concluir que o profeta de Patmos desenvolve no Apocalipse joanino um acontecimento cúltico que transcende o sofrimento e as aflições terrestres e o conecta a uma visão apocalíptica da história. Sua clara intenção visa conferir às pessoas atribuladas a certeza da vitória transcendente numa perspectiva de encorajamento através de elementos constitutivos da fé.

O texto estudado apresenta o movimento da supremacia entregue ao *Filho do Homem* não como uma realidade futura, mas como uma realidade presente que impulsiona a comunidade. A partir de oráculos do passado, enraizados num transfundo cultural histórico mais amplo, é construída progressivamente, por meio de experiências históricas re-significadas à luz de novas circunstâncias, uma poderosa história de criação de sentido cristológico. As comunidades ao tomar consciência de que desafiar o mundo de então lhes acarretaria a morte, conseqüentemente se perceberiam no caminho do seu mestre, e o autor não conta somente com isso para que uma identificação seja estabelecida, antes trabalha reminiscências do passado para demonstrar que Deus, em suas várias

manifestações na história, também se identifica com o povo que sofre, mas que tem para este um plano superior e definitivo. Com isso, o texto de Ap 1,7 liga-se ao seu contexto literário como o elemento mais importante de toda liturgia ficcional elaborada no mesmo. Esta liturgia apresenta-se como uma antecipação da celebração que se dará continuamente na eternidade. Os participantes são convidados a vislumbrar seu andamento e chegada, e a experimentar desde já sua realidade transcendente.

A particularidade do texto estudado está comprometida com o propósito do livro à medida que se compreende que a autêntica profecia não pode ser definida por um conceito superficial de “*previsão do futuro*”, antes como uma palavra viva que desenraiza o ouvinte de seu comodismo, que impulsiona a história, que leva o ser humano a confrontar-se consigo próprio e o mobiliza em direção ao ideal da plenitude divina. Como toda mensagem profética, o apocalipse proclama a atualidade do desígnio de Deus e, correlativamente, a urgência do nosso engajamento. Na literatura apocalíptica, a exortação à fidelidade ou à conversão é igualmente fundamental, mas não tão perceptível imediatamente, por esta razão, o Apocalipse não pode ser reduzido somente a este gênero de leitura. No caso do nosso texto, a profecia é proferida num revestimento apocalíptico, isto é, com força epidíctica, a fim de que seu conteúdo atenda a finalidade do livro como carta enviada para preparar os leitores sobre a chegada ou vinda do “autor”. Estes artifícios estéticos e estilísticos foram somados para melhor traduzir esta mensagem. A vinda da supremacia divina que não pode ser detida nem mesmo pela morte de seu representante, antes legitimou-se pelo acontecimento pascal e é o modo pelo qual Deus manifesta sua vinda à história tendo em vista um impacto universal. A experiência do Cristo é a representação de todo aquele que se vê desafiado a não se conformar com o mundo perverso mesmo que ao preço de sangue. Por isso, o Apocalipse vem totalmente de encontro à situação e realidade de suas comunidades. É aqui que reside sua força singular e se explica sua história.

Por fim, podemos concluir que as Sagradas Escrituras testemunham constantemente que a Revelação da deidade se realiza através de formas, experiências e expressões religiosas do ambiente. Isso porque a palavra divina se manifesta através da história e do condicionamento cultural do ser humano com quem ela entra em interlocução. Certo é que sua mensagem é o resultado de fatos

e acontecimentos, e não somente de palavras, aliás, as explicações e palavras são consequências das intervenções e da gesta divina na História. A progressão do discurso divino pode ser percebida em cada instante no texto sagrado, e esta progressão não se verifica simplesmente por re-leituras do que foi dito antes, e sim por re-leituras exigidas por novas situações, por eventos contemporâneos que provocaram novos questionamentos e pediam uma atualização da experiência religiosa fundamental. A progressão se realiza em função à fidelidade ao “hoje”, à história, ao momento presente do leitor. Por estas razões é necessário um método de leitura que saiba apreender e distinguir a essência da mensagem divina, também considerada “lógica de fundo”, que emerge sempre mais do texto, dos recursos provisórios, das formações culturais do ambiente, formações superadas que vão ficando sempre mais à margem, abrindo espaço para ampliações, permitindo que a revelação da palavra viva seja atualizada em qualquer universo cultural. Neste ponto está a contribuição do biblista: depreender a intencionalidade do texto em seu ambiente, e dele derivar seu sentido e significado literais. O escopo do biblista, portanto, não é o de substituir-se ao texto, de modo algum, mas unicamente o de permitir que o texto fale por si só, e assim, fazer falar o texto a leitores, que sozinhos, são incapazes de compreendê-lo na íntegra de seu respectivo contexto. Certamente, isso constitui-se numa via de mão dupla: o texto só pode falar a quem está disposto em atendê-lo, em aceitar sua proposta, em transformar sua realidade, nisso reside a *força de provocação* do texto e a competência de sua validade.